

Tradução do *Dom*
Quixote: entrevista com
Eugênio Amado

Maria Augusta da Costa Vieira
Silvia Cobelo

NA HISTÓRIA DO LIVRO NO BRASIL, a Editora José Olympio, fundada em 1931, teve papel fundamental na edição de livros de autores brasileiros assim como na de autores estrangeiros, em particular, na tradução e edição de obras clássicas da literatura universal. Com projetos gráficos ambiciosos, foi a Editora José Olympio que se empenhou na tradução brasileira do *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes publicada em 1952, obra que, até o momento, circulava em edições portuguesas, na maior parte das vezes por meio da tradução de 1876-78 dos Viscondes de Castilho e Azevedo e Pinheiro Chagas.

A iniciativa do editor José Olympio de editar a obra cervantina resultou numa edição em cinco tomos, impressa em duas cores, em papel *couché* alemão, encadernada em couro, com ilustrações de Gustave Doré, antecedida por dois estudos críticos, sendo um deles de autoria de Câmara Cascudo e o outro de Brito Broca que percorre os marcos fundamentais da recepção do Quixote no Brasil até meados do século xx. A tradução, por sua vez, foi encomendada a Almir de Andrade (1911-1991) e Milton Amado (1913-1974), reconhecido, entre outras coisas, por sua primorosa qualidade como tradutor. Assim que Almir de Andrade iniciou seu trabalho, teve que se afastar devido a seu envolvimento com o governo Vargas, deixando praticamente o trabalho de tradução, elaboração das notas e revisão das edições subsequentes nas mãos de Milton Amado. Cabe destacar que as notas não apenas esclarecem detalhes relacionados com os séculos XVI e XVII ibéricos mas também justificam, muitas vezes, as opções adotadas no trabalho de tradução.

Em 1983, Eugênio Amado (1942), filho de Milton Amado, publica sua tradução do *Quixote* pela Editora Itatiaia, sendo esta a segunda tradução brasileira da obra cervantina. Por ocasião das comemorações dos 400 anos da publicação da primeira parte do *Quixote*, Eugênio Amado, em lugar de revisar sua própria tradução, decide traduzir novamente o texto cervantino publicado em 2005 pela Editora Villa Rica, como se passou a chamar a antiga Itatiaia. Ambas edições

trazem ilustrações de Gustave Doré, sendo que a edição de 2005 conta com um breve prefácio intitulado “Aos leitores jovens”, assinado por Lucílio Mariano Júnior, o que, na verdade, é pseudônimo do próprio tradutor. Cabe lembrar que Milton Amado, em sua atividade como jornalista em *O Diário*, de Belo Horizonte, utilizava, em sua coluna de crônicas, o pseudônimo Lucílio Mariano. Além do *Quixote*, Eugênio Amado traduziu também a obra de Avellaneda, assim como outros títulos em língua espanhola, francesa e inglesa.

A entrevista com Eugênio Amado divide-se em duas partes, sendo a primeira voltada para a importante atividade de seu pai como tradutor do *Quixote* e, a segunda, para seu próprio trabalho de tradução.

PRIMEIRA PARTE: SOBRE A TRADUÇÃO DE MILTON AMADO

A&S: *Milton Amado teria tido alguma experiência com a língua espanhola antes da tradução do Quixote?*

EA: “Não sei... mas meu pai não tinha nenhuma dificuldade com o espanhol, uma língua parecida com a nossa... e ele tinha muita facilidade em traduzir línguas. Eu acredito que ele tenha traduzido outros livros do espanhol antes, mas não tenho esse dado”.

A&S: *A primeira parte do Quixote traz no interior do texto alguns sonetos, além de outras poesias no início da obra. Pelo que se sabe, Milton Amado teria feito a tradução de todas as poesias da obra. No entanto, como aparece na edição que a primeira parte teria sido traduzida por Almir de Andrade e a segunda, por Milton Amado, afinal, como se dividiu o trabalho entre os dois tradutores?*

EA: Ele, Milton Amado, traduziu todas as poesias, todas, e, na primeira parte, Almir de Andrade traduziu apenas uma parcela. Dizer que ele tenha traduzido toda a primeira parte não seria verdade. Milton Amado, de fato, se encarregou de grande parte da tradução da obra, inclusive do primeiro

livro. Os dois tradutores nunca se conheceram pessoalmente, mas pelo que se sabe, Almir de Andrade tinha grande consideração por Amado.

A&S: *Na revisão das notas, encontraram-se menções à edição utilizada do DQ. Almir de Andrade usa os termos “primeira edição”, “edição original” e edições primitivas mas não esclarece de qual edição parte sua tradução. Milton Amado, refere-se à edição de Martín de Riquer, da Editorial Juventud (Barcelona, 1950) como sendo “ótima edição crítica”. Teria sido esta a edição de parituda para sua tradução?*

EA: Não sei... eu era muito menino.

A&S: *As notas que traz a edição são valiosas, apresentando, muitas vezes, informações sobre decisões tradutórias, além de informações sobre detalhes históricos, culturais e linguísticos. Além de Martín de Riquer, Covarrubias, e também a obra de Avellaneda, citados por Milton Amado, haveria outras fontes bibliográficas que auxiliaram na tradução?*

EA: Quando estava fazendo a tradução do *Quixote* a mesa dele ficava repleta de livros. Algumas obras eram ilustradas e eu gostava de olhar as gravuras. Meu pai tinha acesso, por meio de uma biblioteca, a uma entidade norte americana chamada *United States Information Service*, local em que conseguia muito material. Outra fonte de consulta, rara na época, era a Enciclopédia Britânica, edição de 1950, em 24 volumes.

A&S: *A edição da José Olympio foi um grande acontecimento editorial. Afinal, esta foi a primeira tradução feita no Brasil. Qual foi, na época, a repercussão na carreira de Milton Amado como tradutor?*

EA: Foi muito importante. Ele ganhou um prêmio “Personalidade Literária no ano de 195...” não sei exatamente quando, mas foi por causa dessa tradução. Teve grande repercussão, pelo menos nos meios intelectuais, e, sem dúvida, foi de grande importância para sua carreira como tradutor. Os amigos de meu pai brincavam com ele chamando-o de Dom Quixote.

SEGUNDA PARTE: SOBRE A TRADUÇÃO DE EUGÊNIO AMADO

A&S: *Como foi sua formação intelectual?*

EA: Nasci em Belo Horizonte, em 1942, graduei-me Geografia e sempre trabalhei no Instituto de Geociências Aplicadas (IGA), de 1965 até 2003, na função de perito em contenciosos de limites municipais/estaduais. Iniciei os trabalhos em tradução quando perdi meu pai, em 1974, e me deparei com uma tradução sua inacabada – *Viagem no Interior do Brasil* de Johann Baptist Emanuel Pohl. Na época, propus à Editora Itatiaia concluir a tradução e a partir desse momento passei a incorporar também as atividades de tradutor.¹

A&S: *Observando sua produção, nota-se o domínio de pelo menos três idiomas, o inglês, o francês e o espanhol. Como se familiarizou com essas línguas a ponto de traduzir esses clássicos?*

EA: Em apenas uma palavra: atrevimento. Minha experiência com esses idiomas restringe-se à língua escrita. Li toda a obra de Freud em espanhol, era o que havia na nossa biblioteca [...] e, além do mais, o espanhol é uma língua de gosto. Quando era estudante universitário estudava para as provas consultando uma edição francesa da Enciclopédia Larousse e também a edição inglesa da Enciclopédia Britânica. Creio que me ajudou muito ter estudado latim durante todo o ginásio e o primeiro ano do colegial.

A&S: *Como surgiu a tradução do Quixote de 1983?*

EA: O Pedro Paulo [editor/dono da Itatiaia] queria ter a edição dele, o *Quixote*

1 Entre outras obras, Eugênio Amado traduziu as *Fábulas* de La Fontaine, contos dos irmãos Grimm, *Contos Picarescos* de Balzac, obras de Lewis Carroll, o *Lazarillo de Tormes* (inédito), o *Quixote* de Avellaneda, textos de Darwin, tendo obtido o Prêmio Jabuti em 1979 e em 1982, na categoria “Tradução de obra científica”, além de ter escrito obras de literatura infanto-juvenil.

dele, da Itatiaia. Ele me chamou por que eu era filho de Milton Amado e já tinha ganhado dois Prêmios Jabuti [de tradução]. Provavelmente deve ter pensado que eu pegaria a tradução do meu pai e faria algumas modificações. Mas eu não fiz isso não. Ética eu tenho.

A&S: *Esta foi sua primeira tradução do espanhol?*

EA: Não, a do Pohl foi também feita a partir do espanhol, assim como as biografias de Julio César e Genghis Khan. Também traduzi vários livros infantis de um acervo de uma editora espanhola que a Itatiaia havia comprado os direitos de publicação.

A&S: *Como foram tomadas as decisões durante a tradução quanto à adaptação da obra a seu contexto de chegada, os nomes das personagens e lugares? Até onde o editor interferiu?*

EA: Pedro Paulo Madureira tinha um revisor implacável chamado João Etienne Filho, no entanto, quanto ao *Quixote* não falou coisa alguma, no entanto, levou a tradução para duas ou três pessoas examinarem. Eu me lembro que uma dessas pessoas, um intelectual, cujo nome não quero lembrar [risos], teria dito algo do tipo: 'deixa eu ver como ele traduz a primeira frase "Num lugar da Mancha, cujo nome não quero lembrar...". Ao ver minha tradução teria dito: "o cara entende, o cara sabe".

A&S: *Qual foi sua edição de partida?*

EA: Utilizei a versão da editora Aguilar, papel bíblia, e por medida de segurança eu cotejava depois com traduções de Milton Amado e Benalcanfor. Optei por não fazer o cotejo com a tradução de dos Viscondes e Pinheiro Chagas, apesar de Carlos Drummond achar que essa tradução era maravilhosa.

A&S: *Sua tradução é a única revisada pelo próprio tradutor na história das traduções do Quixote editadas no Brasil?*

EA: Não, na verdade o Milton Amado havia revisado sua própria tradução, inclusive aumentando para mil as notas de pé de página.

A&S: *Conte um pouco sobre a edição de 2005. Em sua opinião, qual o foi o grande diferencial entre as duas traduções? Por que essa tradução não teve maior divulgação?*

EA: A grande diferença encontra-se nas referências bibliográficas bem melhores graças à internet como ferramenta de pesquisa. Assim, pude colocar notas mais esclarecedoras, mais interessantes. Pedro Paulo Madureira nunca enviou exemplares para críticos literários e também vendia muito mais por atacado do que no varejo. Não participava de feiras, enfim, tinha uma mentalidade um tanto tacanha. Para esta edição, respeitei mais as palavras e fui o responsável pela nova revisão. Revisei palavra por palavra, fui lendo, comparando o texto [...] não é um pássaro na mão melhor do que dois voando, é um abutre voando, é assim, um *buitre*, não é? Então eu respeitei, eu acatei mais o texto original, prendi-me mais a ele e achei que realmente ficou mais claro; ficou o que eu queria. Utilizei uma edição crítica do Quixote em espanhol que oferecia significados de palavras arcaicas. (não lembrou no momento qual foi essa edição).

A&S: *Vinte e sete anos depois, o que você pensa sobre o que o Julio García Morejón que prefaciou a edição de 1983 disse a respeito da sua primeira tradução: que ela “respira honestidade por todos os lados”?*

EA: Posso dizer que não gostei disso? Creio que seu texto está mais para posfácio que para prefácio. É um prólogo para quem já leu a obra e a está relendo, ou seja, para o releitor. Creio que um prefácio deve se dirigir ao leitor que ainda não leu a obra.

A&S: *No prefácio da edição de 2005, com o pseudônimo de Lucílio Mariano Jr, você redige um texto intitulado “Aos leitores jovens”. Nesse caso, o Quixote estaria dirigido a um público jovem?*

EA: “Não foi endereçado ao jovem, foi endereçado ao público, mas também ao jovem que é sempre esquecido. Como é que um jovem vai pegar um

livro desse tamanho e vai querer ler? Hoje mal lêem revistas, não é? Eu quis ganhar o leitor jovem, porque o adulto já conhece o *Dom Quixote* pela fama, pelo conhecimento em geral. Mas o jovem, se está tentando se aproximar da obra, pelo menos tentei incentivá-lo. Não foi uma tradução feita para o jovem, afinal, o *Quixote* é uma obra adulta.”

A&S: *Você menciona o “Dom Quixote das Crianças”, do Lobato, ao dar exemplo de adaptações. O que pensa das adaptações da obra para o público infanto-juvenil?*

EA: Eu li o *Dom Quixote das crianças*, e dependesse dele não leria o *Dom Quixote* de Cervantes. Monteiro Lobato não me atraiu para ler o *Quixote*. Minha primeira leitura da obra foi a tradução feita por meu pai.

A&S: *Você traduziu também o Quixote de Avellaneda, assim como redigiu o prefácio também assinado pelo pseudônimo de Lucílio Mariano Jr. Como surgiu a idéia da tradução dessa obra?*

EA: A obra é mencionada pelo próprio Cervantes no prólogo da segunda parte. Achei engraçada essa história de um se apropriar do livro do outro e resolvi ler a obra de Avellaneda, achando que seria uma obra fraca, mas na verdade é um bom livro. Resolvi então traduzi-lo.

A&S: *Pensa que o trabalho de tradução da obra de Avellaneda teria influenciado sua tradução do Quixote de 2005?*

EA: Nunca pensei nisso mas não creio que tenha influenciado. As dificuldades para traduzir Avellaneda são ainda maiores do que a tradução do texto de Cervantes que conta com muitos estudos críticos sobre a obra. A tradução da obra de Avellaneda como o *Quixote* de Cervantes contou com pouquíssima divulgação e acredito que muitos nem sabem que a obra foi traduzida no Brasil.

A&S: *Poderia comentar o critério utilizado para as notas, nas duas traduções?*

EA: Há dois tipos de notas: uma que é feita com o objetivo de esclarecer o

leitor e outra que é feita por mera vaidade. Costumo redigir as notas depois de ter feito a tradução e quando me dou conta de que provavelmente o leitor não entenderá aquela passagem sem a ajuda de uma nota.

A&S: *A edição de 2005 tem quatro vezes mais notas que a tradução de 1983. A que se deve esse aumento?*

EA: Ao fato de ter podido contar com a internet.

A&S: *Alguns estudiosos como Antoine Bergman, acreditam que o provérbio possa ser traduzido de maneira literal, ao contrário de outros que preferem encontrar um provérbio equivalente na língua de chegada. Qual foi sua posição na tradução do Quixote, sendo esta uma obra que conta com inúmeros provérbios?*

EA: No primeiro momento posso ter procurado uma rima, porque acho que provérbio rimado é mais gostoso, sem fugir, no entanto, da essência do provérbio. Acredito que na primeira tradução utilizei mais provérbios equivalentes, enquanto que na segunda predominou mais o critério da tradução por intermédio da literalidade.

A&S: *Foi constatado que nas bibliotecas públicas de São Paulo e na Biblioteca Nacional a única tradução brasileira que consta do acervo é a de Milton Amado e Almir de Andrade, editada pela José Olympio. Isso significa que o leitor comum não tem acesso por meio de bibliotecas a nenhuma tradução além da dos Viscondes. Que medidas seriam importantes para que novas traduções cheguem ao público leitor de bibliotecas públicas?*

EA: Entendo que esta deve ser uma preocupação das editoras que deveriam, por sua vez, fazer doações às bibliotecas públicas. Infelizmente, o tradutor não tem como influir nesse processo.